

# CONEXÕES ENTRE ARQUIVO, BIBLIOTECA E MUSEU: similaridade das atividades profissionais

Rubem Damiano Soares Nogueira\*  
Carlos Alberto Avila Araujo\*\*

## RESUMO

A presente pesquisa teve como objetivo analisar as relações entre Arquivos, Bibliotecas e Museus, no âmbito das instituições, para identificar possíveis relações de similaridade entre suas atividades profissionais, bem como determinar como essas conexões influenciam o processo de colaboração mútua. O fato de existir um movimento global de conectividade entre museus, bibliotecas e arquivos, com o intuito de promover e desenvolver estratégias e políticas de colaboração interinstitucional com foco no intercâmbio de conhecimento, economia de recursos financeiros e recursos humanos, políticas comuns de financiamento, promoção de boas práticas institucionais, tem motivado uma aproximação entre as três áreas e pode-se perceber, especialmente nas últimas duas décadas, uma crescente interdisciplinaridade, parcerias e colaborações institucionais com o objetivo de prestar um serviço mais abrangente e de maior qualidade.

**Palavras-chave:** Arquivo. Biblioteca. Museu.

\* Especialista em Gestão Estratégica da Informação pelo Núcleo de Informação Tecnológica e Gerencial da Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil. Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil.  
E-mail: rubem.damiao@gmail.com.

\*\* Doutor em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil. Pós-doutorado pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal. Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil. Diretor da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil.  
E-mail: casalavila@yahoo.com.br.

## I INTRODUÇÃO

A colaboração entre Arquivos, Bibliotecas e Museus (ou ABMs, como será usado para o propósito deste trabalho) tem sido assunto recorrente nos debates em congressos, eventos e mesas-redondas promovidos por entidades e associações representativas das três áreas. Governos, Universidades e instituições ao redor do mundo têm transformado a colaboração entre ABMs em políticas públicas, diretrizes curriculares e fundamentos teóricos e práticos desses campos (ARAÚJO, 2014; BATES, 2012; BELLOTTO, 2014; MARQUES, 2010; PINHEIRO, 2012; SILVA, 2006; SMIT, 2003).

Contudo, a palavra colaboração é um conceito que tem sido considerado subaproveitado nesse domínio. Em termos gerais, colaboração refere-se a um processo em

que dois ou mais grupos trabalham em conjunto em favor de um objetivo comum compartilhando conhecimentos, informações e recursos. No contexto das teorias e atividades de ABMs, esse trabalho em conjunto tem se resumido a interações simples (como debates ou mesas-redondas) e raramente se amplia para interações complexas (como a integração de sistemas de informação ou teorias) (ZORICH; WAIBEL; ERWAY, 2008).

A definição de tal “objetivo comum”, nesse sentido, exige esforço, interesse e perícia proporcionais à complexidade das interações entre os campos. Historicamente, a relação dos ABMs, os processos e comportamentos de colaboração sugerem se dar em um *continuum* desde sua origem (*ibidem*, p. 10).

O surgimento da linguagem e posteriormente da escrita possibilitaram ao homem armazenar informação e conhecimento

em um suporte, essencialmente essa é também a origem comum de museus, bibliotecas e arquivos. Essa origem comum recua milênios no tempo e coincide com a gênese dos primeiros aglomerados civilizatórios e do desenvolvimento do comércio, contabilidade, governos, religiões, princípios legislativos e dos seus registros em suportes menos efêmeros que a memória de um homem (MARQUES, 2010).

A primeira escrita apareceu na Mesopotâmia, onde surgiram as primeiras civilizações urbanas, as cidades de Lagash, Umma, Nippur, Ur e Uruk, entre o sexto e o primeiro milênio AC. É também dessa região a mais antiga estrutura organizada de arquivo e biblioteca, que data de aproximadamente 2.350 anos a.C – em Ebla, na Síria.

Em Ebla foram encontradas em torno de 20 mil tabuinhas de argila escritas em cuneiforme. Elas são registros contábeis, posteriormente também utilizadas para inscrições votivas, comemorativas, narrativas históricas e relatos épicos. Constava de duas salas: uma biblioteca e um órgão burocrático, onde se encontravam os documentos administrativos, legais, históricos e religiosos e outra onde se encontravam os documentos econômicos. As tábuas estavam guardadas em cestos e caixas de madeira ordenadas por assunto e com inscrições para poderem ser localizadas (WELLISCH, 1981).

O primeiro museu reconhecido pelos historiadores é o de Ennigaldi-Nanna e data de cerca de 530 a.C. A curadora era a princesa Ennigaldi, filha de Nabonido, o último rei do Império Neo-Babilônico. O museu foi localizado no antigo estado de Ur, hoje o moderno estado de Dhi Qar, no Iraque, cerca de 150 metros do famoso Zigurate de Ur (ANZOVIN, 2000), ainda que nessas culturas urbanas orientais o colecionismo não seja um fenômeno cultural consolidado, por se vincular essencialmente ao regime religioso e cortesão e da relação entre essas duas dimensões, não podendo ser definidas tais instituições e organizadores por museus e curadores (LEÓN, 1978).

Contudo, os objetos encontrados no museu de Ennigaldi-Nanna estavam acompanhados de tabuinhas que eram rótulos com descrição das peças em três idiomas e a expografia, o arranjo das peças e suas descrições obedeciam a uma ordem em forma de narrativa, contando a história do império babilônio (WOOLLEY, 1982).

Além disso, o museu estava em um complexo que continha um jardim botânico, biblioteca, templo, palácio, administração burocrática do império e residências imperiais (BRITANNICA ENCYCLOPAEDIA, 1997).

O sistema monetário mesopotâmio favoreceu um ambiente artístico e um comércio artístico, ainda que os consumidores ainda sejam os príncipes e os sacerdotes. Entretanto, em Creta, o comércio artístico se ampliou e alcançou consumidores para além dos palácios e templos. Esse passo em direção ao fenômeno do colecionismo também abre as portas ao colecionismo romano (LEÓN, 1978).

Três séculos antes de nossa era, no berço do mundo ocidental, um centro de cultura pretendeu custodiar todo o conhecimento da humanidade materializado em qualquer suporte: a Biblioteca de Alexandria, caracterizada de *mouseion* (termo de onde deriva etimologicamente a palavra museu), continha um observatório, laboratórios, anfiteatro, jardins botânicos e zoológicos, uma imensa biblioteca e coleções de objetos das mais variadas culturas e períodos históricos, formavam um conjunto único, possibilitando um estudo de diferentes áreas do conhecimento (HERNÁNDEZ, 2006).

A partir do século III d.C., com a expansão do cristianismo, igrejas, mosteiros e abadias passaram a acumular e produzir objetos, documentos e obras literárias com finalidades simbólicas, estéticas, econômicas, enfim, como memória da comunidade e promovedores de prestígio para a igreja. Esse processo, que ao longo do tempo impulsiona a separação formal entre arquivo e biblioteca, também foi responsável pela salvaguarda de textos, obras de arte, objetos, que provavelmente teriam desaparecido se não fossem tais centros de guarda (POMIAN, 1984).

Com a invenção da imprensa no século XV, o acesso ao conhecimento toma uma nova dimensão: ao possibilitar um maior acesso aos textos antes restritos aos mosteiros por meio da reprodução em série, causa um impacto profundo na forma como se estrutura informação e conhecimento e na disseminação de ideias no surgimento das universidades, racionalização do aparelho administrativo do Estado moderno, conseqüentemente, incrementando enormemente o número de livros e documentos e tornando os objetos colecionados pela burguesia, igreja

e nobreza de interesse coletivo (HEDSTROM; KING, 2003).

Os gabinetes de curiosidades, iniciativas particulares de exposição das coleções, desencadeiam um processo de musealização dos objetos e contribuição para a ciência e o pensamento moderno ao catalogar o mundo natural de forma sistemática, fornecendo novos materiais de estudo, colaborando para o Método e para a Comunicação Científica (*idem*).

O pensamento cartesiano do século XVII e a crescente laicidade do conhecimento concorreram para que no século XVIII houvesse uma transição dos museus privados para o museu público que, juntamente com as bibliotecas do período, à herança da biblioteca de Alexandria, ainda pretendem uma universalização de assuntos nos seus acervos (*idem*).

Além disso, a crescente especialização do trabalho e do conhecimento nos séculos XIX e XX, a diferenciação dos materiais dos suportes, os meios em que são disponibilizados, as necessidades da sociedade e as novas habilidades de profissionais especializados no campo determinaram quais objetos seriam custodiados por quais instituições: “objetos tridimensionais de valor patrimonial passariam a pertencer aos museus, livros às bibliotecas e, manuscritos e documentos originais aos arquivos” (MARQUES, 2010; RAYWARD, 1998; SILVA, 2002; SMIT, 2003).

A “crise do sujeito” do século XIX lançou as bases para as Ciências Sociais do século XX, em que o homem deixa de ser considerado “sujeito” e torna-se “objeto” do estudo. E esse novo objeto necessita de um “conjunto de discursos”, da criação de um novo saber (REIS, 2000). Essa passagem do homem para a ordem dos “objetos científicos” torna-se possível graças a uma redistribuição da *episteme*. O aparecimento da Biologia, da Economia e da Filosofia, além da perda de forças da *mathesis*, concede à “episteme moderna” três dimensões: 1) Ciências matemáticas e física; 2) Ciências capazes de estabelecer padrões: Biologia, Economia e Filologia; 3) Filosofia (FOUCAULT, 2007).

A Ciência Social, apesar de não poder ser definida como uma dimensão da “episteme moderna” está incluída nos entremeios desses saberes, podendo tomar emprestados recursos de todos eles, sendo assim interdisciplinar em sua proposta original. É com esse espírito que

começa a tomar forma, no século XIX, com Paul Otlet e Henri La Fontaine, a Bibliografia, que se tornaria uma disciplina científica com o nome de Documentação, um conjunto de procedimentos para tratar do conhecimento registrado.

O conhecimento produzido sobre a disciplina Documentação interessou fortemente à Biblioteconomia, ao passo que a partir do século XX passou a incorporá-lo aos seus currículos acadêmicos e profissionais. Semelhantemente, a influência da classificação decimal de Dewey, com fins bibliográficos, ultrapassou as fronteiras do tratamento de materiais referentes à biblioteca e passou a orientar a organização de arquivos em países da Europa e da América (SANTOS, 2008). Simultaneamente, cientistas de várias áreas, especialmente no Reino Unido, nos Estados Unidos e na União Soviética, começaram a elaborar instrumentos de informação científica como índices, resumos etc., com o objetivo de criar canais de disseminação de informação para facilitar e agilizar o trabalho dos seus pares, passaram a se autodenominar “cientistas da informação” (ARAÚJO, 2014).

Epistemologicamente, a Ciência da Informação trata seu objeto de estudo, principalmente, a partir de um momento histórico recente, meados do século XX, centralizando sua atenção, quanto aos suportes, aos impactos das Tecnologias da Informação. Inclusive, os marcos de formação disciplinar são, por consenso (PINHEIRO; LOUREIRO, 1995), a obra de Norbert Wiener, *Cybernetics or control and communication in the animal and machine* (1948), e, no ano seguinte, o livro *The mathematical theory of communication* (1949), de Claude Shannon e Warren Weaver, e a conferência realizada no Georgia Institute of Technology em 1962, o Relatório Weinberg em 1963, o trabalho *Informática*, de Mikhailov, em 1966, o estudo de Rees e Saracevic, em 1967, e a definição de Boroko presente em *Information Science: what is it?*, de 1968 (ARAÚJO, 2003).

Mais recentemente, nos últimos 30 anos, houve algumas mudanças sociotécnicas, como redes globais de comunicação e relações econômicas internacionalizadas, o uso de redes interconectadas, uma tendência crescente de humanização e regionalização das ciências e do conhecimento, interdisciplinaridade e complexidade de conhecimentos, a aproximação entre os sujeitos e objetos dos estudos científicos.

Tais mudanças, na forma de um mundo integrado, engendraram uma nova construção nas maneiras de agir da humanidade e uma nova visão de mundo, inclusive na Ciência (SANTOS, 2003).

Essas novas características de ação em Arquivos, Bibliotecas e Museus parecem resultar em uma aproximação das três áreas. Já se percebe uma crescente interdisciplinaridade, por meio de convergências disciplinares, parcerias e colaborações com o objetivo de prestar um serviço mais abrangente e de maior qualidade (ARAÚJO, 2010).

O presente trabalho se propôs a analisar as relações entre Arquivos, Bibliotecas e Museus no âmbito das instituições, profissionais e as atividades profissionais que exercem, com o objetivo de esclarecer a existência de similaridade e níveis de cooperação entre as três áreas. Dada a extensão da pesquisa, o foco, neste momento, concentra-se no exame da colaboração interinstitucional entre ABMs; tendo como objetos empíricos o Arquivo Público Mineiro, a Biblioteca Pública Estadual e o Museu Mineiro.

## 2 MUDANÇAS NOS CONTEXTOS TÉCNICO E SOCIAL

ABMs são instituições de preservação do patrimônio cultural, ou instituições memória *per se*, cuja missão é, em princípio, igual: coletar, preservar e facilitar o acesso ao patrimônio cultural e científico (FALETAR; BOSANČIĆ, 2005). Tais instituições tradicionalmente construíram suas práticas profissionais, métodos e teorias em razão dos direcionamentos conceituais que dão aos suportes em que cada área se especializou; ou, nas palavras de Smit: “no imaginário profissional coletivo estocam-se livros e periódicos em bibliotecas, objetos em museus e documentos gerados pelas administrações em arquivos” (SMIT, 2000, p. 28).

Historicamente, as realidades profissionais de ABMs têm se adaptado aos contextos sociais, econômicos e políticos que os cercam, deixando esses campos suscetíveis aos jogos de poder (HOOPER-GREENHILL, 1995). A bibliografia histórica mostra que tais instituições estão associadas ao acúmulo de riqueza das nações, instituições e indivíduos (CHARNES, 2014). Essa acumulação de documentos, quer administrativa,

patrimonial, cultural, de memória, intelectual ou colecionista, esteve alinhada ao interesse de uma classe dominante (RAYWARD, 1998). Assim se deu no processo histórico de criação das instituições estudadas na presente pesquisa e que será detalhado mais adiante.

Posteriormente, com o desenvolvimento e a especialização de coleções e profissões, este processo de diferenciação atingiu o seu ponto alto nas décadas de 1950 e 1960, antes do advento da revolução digital. Surge o conceito de usuário, de um ente de interesses, necessidades e comportamento personalizados (RAYWARD, 1998).

Nas últimas três décadas, especialmente nas últimas duas, uma enorme reviravolta nas atividades, serviços e filosofias de ABMs foi provocada em decorrência de mudanças técnico-sociais. As novas tecnologias de comunicação e informação abriram possibilidades sem precedentes para que ABMs se configurassem em instituições de informação e conhecimento (HEDSTROM; KING, 2003).

Isto porque instituições de patrimônio, cultura e memória passam também a representar uma nova demanda: tornar seus acervos amplamente disponíveis e acessíveis, inclusive fora dos seus limites institucionais, já que o perfil dos novos usuários os caracteriza como consumidores e pesquisadores de informação, sob qualquer forma: artigo, livro, fotografia, música, mapa, objeto etc. Localizados, ou não, fisicamente em um arquivo, biblioteca ou museu; desde que os recursos de busca e acesso sejam eficientes.

As fronteiras entre ABMs se tornam tênues, ainda que se mantenham claras as diferenças conceituais e técnicas específicas de cada campo, ao se alinharem para estabelecer uma relação informacional-cultural-educativa com o usuário-público-visitante e com os documentos. No ambiente digital, por exemplo, os documentos, fator essencial de diferenciação entre as áreas e do trabalho de arquivistas, bibliotecários e museólogos – como livros, textos, imagens, sons ou artefatos –, em nada se distinguem uns dos outros do ponto de vista do suporte, ainda que se mantenha a diferenciação conceitual (MARTIN, 2003).

Assim, o aumento do uso de tecnologias e a necessidade de lidar com registros eletrônicos, características cada vez mais comuns em ABMs,

bem como o entendimento de que estão incluídas em um contexto mais amplo, como instituições de fronteira, na preservação e na promoção de cultura, patrimônio, informação e conhecimento. O entendimento de tais características tem aproximado não somente as instituições, mas também a natureza dos objetos de estudo, os métodos e as técnicas, as atividades profissionais e até mesmo a missão ou o propósito de ABMs, bem como a percepção das necessidades de seus usuários; nesse sentido, um isolacionismo pode ser visto mais como uma questão de convenção e tradição do que como uma diferença real ou conceitual (RAYWARD, 2004; MARTIN, 2003; CHARNES, 2014).

Ao verificar que todo esse debate já vem ocorrendo de forma intensificada nas últimas duas décadas, em nível governamental, acadêmico e institucional; faz-se necessário entender os limites dessa proposta de intercessão entre os campos e em que atividades essa colaboração poderá ser mais eficiente.

### 3 UMA NOVA TENDÊNCIA GLOBAL

Há, em vários países, uma tendência de conectividade entre museus, bibliotecas e arquivos, com o intuito de promover a criação de instituições públicas para gestão, promoção e desenvolvimento de estratégias e políticas de colaboração interinstitucional. São apontados como benefícios: Intercâmbio de conhecimento, economia de recursos financeiros e recursos humanos, políticas comuns de financiamento, promoção de boas práticas institucionais (ARAÚJO, 2014; MARQUES, 2010). A seguir, citamos alguns exemplos.

Com o objetivo de promover colaboração transversal e desenvolver boas práticas de mediação, acesso à informação e ao conhecimento em museus, arquivos e bibliotecas, foi criado no Reino Unido (2000) o Museums, Libraries and Archives (MLA).<sup>1</sup> Em 2012 o conselho foi dividido, ficando museus e bibliotecas sob responsabilidade do Conselho de Artes e arquivos com o Arquivo Nacional da Inglaterra. Semelhantemente, na Noruega (2003), surge com a designação de Autoridade Norueguesa para Arquivos, Bibliotecas e Museus (ABM – utvikling

– Statens senter for arkiv, bibliotek og museum),<sup>2</sup> com foco em recursos e estratégias em inovação e tecnologias de informação e comunicação para as três áreas e, em 2011, foi redistribuído entre a Biblioteca Nacional Norueguesa e o Norwegian Science Index, sendo as políticas de desenvolvimento nas três áreas absorvidas pelo Norwegian Council (MARQUES, 2010).

O Institute of Museum and Library Services (IMLS),<sup>3</sup> agência federal independente norte-americana (1996) segue ativo gerenciando financiamentos de integração como o Connecticut History Online, uma colaboração entre museus e bibliotecas de acesso *online* a objetos (fotografias, mapas, manuscritos, artefatos, livros etc.) que documentam a história social, política, educacional, cultural e cívica do estado de Connecticut.<sup>4</sup> Ainda nos Estado Unidos, foi criada em 2003 o Committee on Archives, Libraries and Museums (CALM),<sup>5</sup> comitê misto organizado pela American Library Association – ALA, para promover a colaboração institucional entre as três entidades fundadoras, a American Association of Museums, a American Library Association e a Society of American Archivists (*idem*).

O “The coordinating office for Archives, Libraries and Museums in Sweden”, o projeto ABM-centrum<sup>6</sup> (2004), é uma rede de colaboração entre sete instituições culturais de caráter nacional que promovem iniciativas nacionais e internacionais de digitalização, no âmbito das políticas europeias de acesso a conteúdos digitais, com objetivo de criar plataformas *online* de acesso às coleções, como a Europeana,<sup>7</sup> um portal de integração de coleções digitalizadas de instituições europeias.

Há também os projetos congêneres NOKS<sup>8</sup> (Nordjyllands Kulturhistoriske Søgebase), o projeto dinamarquês de integração de bases de dados dos bens em museus, bibliotecas e arquivos da região norte desse país (redistribuído em 2011 por falta de fundos), e o BAM<sup>9</sup> (Portal zu Bibliotheken, Archiven, Museen), um sistema de informação *online* de busca única entre

2 Disponível em: <<http://www.abm-utvikling.no/>>.

3 Disponível em: <<http://www.ims.gov/index.shtml>>.

4 Disponível em: <<http://connecticuthistory.org/>>.

5 Disponível em: <[http://info.ala.org/CALM/index.php?title=Main\\_Page](http://info.ala.org/CALM/index.php?title=Main_Page)>.

6 Disponível em: <<http://abm-centrum.se/>>.

7 Disponível em: <<http://www.europeana.eu/portal/index.html>>.

8 Disponível em: <<http://www.noks.dk/>>.

9 Disponível em: <<http://www.bam-bw.de>>.

1 Disponível em: <<http://www.mla.gov.uk/>>.

inúmeras instituições alemãs que permite uma eficiente integração de dados provenientes dos mais diversos sistemas informáticos, ainda ativo. Utiliza o *software* de código aberto Apache Lucene,<sup>10</sup> que permite a integração de bases de dados textuais.

O Projeto Cornucopia<sup>11</sup> (1998), também desenvolvido pelo MLA, é uma fonte de informação sobre mais de 6.000 coleções dos museus, bibliotecas, arquivos e galerias do Reino Unido. Sistema informacional de pesquisa de coleções em três níveis: informações institucionais (endereços, *website*, contato etc.); informação sobre a coleção (nome da coleção, área temática, tipos de objetos, cobertura geográfica, temporal etc.); e pontos fortes da coleção (objetos de interesse temático) (MAGÁN WALS, 2004).

Uma iniciativa australiana, chamada Collections Australia Network (CAN),<sup>12</sup> desenvolvido desde 2004, permite uma pesquisa em uma única interface *online* de objetos, eventos, instituições e exposições de arquivos, bibliotecas, galerias e museus australianos.

As iniciativas na América Latina, inclusive no Brasil, têm sido especialmente de promover eventos, seminários e congressos integrando as três áreas. Inicialmente no Brasil, em 2002, com o I Integrar - Congresso Internacional de Arquivos, Bibliotecas, Centros de Documentação e Museus, em São Paulo, com segunda edição em 2006; também o Encuentro Latinoamericano de Bibliotecarios, Archivistas y Museólogos (EBAM) ocorrido em 2009 e já em sua 6ª edição; em 2011, Salvador (BA) sediou o Encontro de Arquivos, Bibliotecas e Museus à Era Pós-Custodial: um Diálogo Brasil-Portugal; e em 2012, além da abertura do diálogo entre as três áreas com a realização da mesa-redonda no Encontro Nacional de Ensino em Ciência da Informação (ENECIN), também foi criada a Associação Brasileira de Profissionais da Informação (ABRAINFO), que no ano seguinte dá início a uma série de debates sobre o tema Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia: Convergências (ARAÚJO, 2014).

Tais iniciativas - apoiadas e incentivadas pelos principais blocos econômicos e políticos do mundo, com o aval dos países membros da Organização das Nações Unidas (ONU) tendo,

inclusive, políticas traçadas pelo Comitê para Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), que promove, desde a década de 1970, iniciativas de harmonização curricular entre as áreas de ABMs - começam a ganhar maiores proporções à medida que ampliam sua atuação documental para um metacampo informacional (ARAÚJO, 2010).

Pelos exemplos ao redor do globo, citados acima, e seus contextos, podemos identificar alguns delineamentos político-institucionais que têm se destacado como fatores causadores da aproximação das três áreas: a revolução digital e utilização massificada das tecnologias de informação e comunicação; a mudança da ênfase do acervo para o usuário, a informação e o conhecimento; a utilização de ABMs como instituições complementares à educação formal e de promoção e preservação do patrimônio cultural e científico das nações e da humanidade.

#### 4 METODOLOGIA DO ESTUDO

Em função de identificar correlações de similaridade entre as atividades profissionais de Arquivistas, Bibliotecários e Museólogos, traçou-se o percurso metodológico fundamentado na intercessão produtiva das três instituições (Arquivo, Biblioteca e Museu) e explicitados nos três objetos empíricos (APM, BPELB e MAM), a partir do seguinte contexto:

- Da relação de similaridades entre as atividades e perfis profissionais das três áreas (Arquivo, Biblioteca e Museu) listadas na Classificação Brasileira de Ocupações - CBO 4.0.2 de 2002 e manuais das três áreas.

Tomando por base esse contexto, consideram-se os seguintes universos:

- Relatórios de família e tabela de atividades por GAC - Grandes áreas de competência, da CBO 4.0.2 de 2002 sobre cada área (ABM); Manuais de área: Arquivo - especialmente os trabalhos de Bellotto, Schellenberg e o Manual do APM; Biblioteca - principalmente os Manuais de Orera Orera, Pérez e Vieira; Museu - o manual de diretrizes Museológicas da Superintendência de Museus de Minas Gerais, os manuais de Hernández

10 Disponível em: <<http://lucene.apache.org/>>.

11 Disponível em: <<http://www.cornucopia.org.uk/>>.

12 Disponível em: <<http://www.collectionsaustralia.net/>>.

Hernandéz e Desvallées e Mairesse (Icom); possibilitando comparar e determinar intercessões das práticas e procedimentos das três áreas pesquisadas.

Para a efetivação desse estudo, fez-se um levantamento das atividades profissionais desenvolvidas por cada área (ABM) descrita pelos manuais de área em relação à tabela da CBO 4.0.2 de 2002 utilizando-se do método estatístico de Análise de Frequências Absolutas e Relativas e respectivos Histogramas.

#### 4.1 A CBO 4.0.2 de 2002

A CBO - Classificação Brasileira de Ocupações, que é o registro de normatização das ocupações do mercado de trabalho no Brasil, com o propósito de classificar e reconhecer (para fins dessa classificação, o que não implica regulamentação), nomear e codificar os títulos e conteúdos das agregações de empregos ou situações de trabalho similares quanto às atividades realizadas. É simultaneamente uma classificação enumerativa e uma classificação descritiva (BRASIL, 2015).

A classificação enumerativa: codifica empregos e outras situações de trabalho para fins estatísticos de registros administrativos, censos populacionais e outras pesquisas domiciliares, como Relação Anual de Informações Sociais (Rais), Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), Seguro Desemprego, Declaração do Imposto de Renda de Pessoa Física (Dirpf), entre outros. Em pesquisas domiciliares, é utilizada para codificar a ocupação, como, por exemplo, no Censo Demográfico, na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) e outras pesquisas de institutos de estatísticas, como o IBGE e congêneres nas esferas dos estados e dos municípios. Inclui códigos e títulos ocupacionais e a descrição sumária. Ela também é conhecida pelos nomes de nomenclatura ocupacional e estrutura ocupacional (BRASIL, 2015).

Classificação descritiva: inventaria detalhadamente as atividades realizadas no trabalho, os requisitos de formação e experiência profissionais e as condições de trabalho, como o realizado no Sistema Nacional de Empregos (Sine), na elaboração de currículos e na avaliação

de formação profissional, nas atividades educativas das empresas e dos sindicatos, nas escolas, nos serviços de imigração, enfim, em atividades em que informações do conteúdo do trabalho sejam requeridas.

Para os fins desta pesquisa, a CBO 4.0.2 de 2002, versão atual da CBO, será utilizada como referência, por meio de seus instrumentos de classificação descritiva, especialmente os Relatórios de Família (RF) e tabelas de atividades das ocupações: 2612 - Profissionais da informação e 2613 - Arquivistas e Museólogos; com o propósito de relacionar as atividades realizadas em trabalho, dessas três áreas, e as possíveis intercessões de contribuição mútua entre ABMs.

É importante ressaltar que até 2002, quando a nova versão da CBO foi concluída, a versão anterior - CBO 1994 - incluía, sob a mesma família, as ocupações de arquivistas, bibliotecários e museólogos. Na atual CBO, permanecem agrupadas as ocupações Arquivistas e Museólogos em uma mesma família, e os bibliotecários foram incorporados à família denominada Profissionais da Informação, que engloba, além dos bibliotecários, os documentalistas e analistas de informação (pesquisador de informações de rede).

O Relatório de família 2612 - Profissionais da informação, no qual estão inseridos os bibliotecários, foi construído sob a coordenação da Fundação de Desenvolvimento da UNICAMP (FUNCAMP), com o auxílio de profissionais liberais em atividade, a Academia, ONGs, Instituições Públicas e Privadas, são elas: Arquivo do Estado de São Paulo; Associação Paulista de Bibliotecários; Biblioteca Mário de Andrade; Conselho Federal de Biblioteconomia; Departamento de Biblioteconomia e Documentação da Escola de Comunicação e Artes (Eca-USP); Faculdade de Odontologia da USP; Faculdades Integradas Teresa Dávila; Instituto de Geociências da USP; Organização Panamericana da Saúde (Bireme-OPAS-OMS); Prefeitura Municipal de Campinas; Sindicato dos Bibliotecários no Estado de São Paulo; Sindicato dos Empregados em Estabelecimentos Bancários de São Paulo; Sociedade Civil Irmãs da Santa Cruz - Colégio Santa Maria; The Boston Consulting Group; Total Com Comunicação e Participações S.A.; Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP); Universidade de São Paulo (USP); Universidade do Sagrado Coração

(USC-BAURU-SP); Universidade Estadual de Campinas (Unicamp); Universidade Estadual de Ponta Grossa; Universidade Estadual Paulista - Biblioteca (Campus de Rio Claro); Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

O Relatório de família 2613 - Arquivistas e Museólogos, também sob a coordenação da FUNCAMP, semelhantemente, contou com o auxílio de profissionais e entidades representativas de todos os setores da sociedade, são eles: Arquivo do Estado de São Paulo; Arquivo Edgard Leuenroth - Cpds - Unicamp; Arquivo Nacional; Central Única dos Trabalhadores; Conselho Regional de Museologia - 4ª Região; Fundação Patrimônio Histórico da Energia de SP; Instituto de Estudos Brasileiros da Usp; Museu de Arqueologia e Etnologia da Usp; Museu de Santo André; Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); Museu Paulista; Phoenix Ateliê de História e Cultura Ltda.; Secretaria de Estado da Cultura; Universidade de Brasília.

A abrangência das informações e a confiabilidade da CBO 4.0.2 de 2002 e desses dois relatórios e sua abrangência constitui elemento fundamental na construção dos resultados desta pesquisa.

#### 4.2 Os manuais de área

A amplitude e a relevância de todos os aspectos abrangidos pelas áreas examinadas nesta pesquisa exigiram que se traçasse um panorama geral e auxiliar sobre os assuntos descritos nas atividades profissionais listadas pelos relatórios da CBO, por meio de uma referência que os contemplasse em sua totalidade ou maioria, mantendo equilíbrio entre as questões técnicas e humanísticas de cada área; por esta razão a escolha de manuais de área na construção de categorias para comparar as variáveis deste estudo.

Para a escolha dos manuais e dos autores, foi levado em conta se a instituição analisada possuía suas próprias diretrizes publicadas e com quais autores essas obras dialogavam. Foi o caso do APM e do MM, que possuem manuais próprios. O Arquivo faz referência especialmente aos trabalhos de Bellotto e Schellenberg, entre outros, e por isso esses autores e seus trabalhos foram especialmente usados como referência;

bem como Hernández Hernández e Desvallées e Mairesse (Icom), no caso do Museu. O critério usado para a escolha das obras de referência para a Biblioteca difere dos anteriores por não haver manual próprio da instituição, por isso, foram utilizados especialmente, os trabalhos de Orera Orera, Pérez e Vieira; seguindo como parâmetro a amplitude e a relevância do conteúdo, além da acessibilidade das obras para consulta.

Salienta-se que estas obras citadas não se restringem como únicas referências, sendo utilizados os demais autores que se enquadraram no mesmo critério de abrangência do conteúdo e da relevância para a área e para o presente estudo.

### 5 PROCEDIMENTO DE COLETA/EXTRAÇÃO E TRATAMENTO DE DADOS E INFORMAÇÃO

No presente trabalho, os dados oriundos das tabelas de atividades da CBO 4.0.2 foram organizados por área e convertidos em uma "Tabela de atividades de ABM" (Tabela x do Apêndice). Nessa tabela foram relacionadas as atividades similares realizadas pelas áreas, tornando-a uma tabela de referência (Tabela de Referência de Atividades Profissionais Similares - TRAPS).

Para relacionar as três áreas de atividades (Arquivista, Museólogo e Bibliotecário), foram utilizadas tabelas de frequências absolutas e relativas e histogramas referentes a essas tabelas. Seguindo o modelo da CBO 2002, as atividades profissionais foram divididas em subgrupos de atividades e neste caso também foram utilizadas tabelas de frequências absolutas e relativas e histogramas justapostos.

O *software* utilizado nas análises foi o R (versão 3.2.4). R é uma linguagem e também um ambiente de desenvolvimento integrado para cálculos estatísticos e gráficos. O código fonte do R e o *software* são construídos de modo colaborativo e estão disponíveis sob a licença GNU GPL; as versões binárias pré-compiladas são fornecidas para Windows, Macintosh e muitos sistemas operacionais Unix/Linux. O R disponibiliza uma ampla variedade de técnicas estatísticas e gráficas, incluindo modelação linear e não linear, testes estatísticos clássicos, análise de séries temporais (*time-series analysis*), classificação, agrupamento e outras.



## 5.1 Análise descritiva das atividades para arquivista, museólogo e bibliotecário

Para realizar as análises descritivas a seguir, foi construído um banco de dados a partir de uma Tabela de Referência de Atividades Profissionais Similares - TRAPS, onde foi descrito, por área (ABM), quais atividades profissionais possuem alguma relação de similaridades entre as áreas. O banco de dados foi utilizado pelo *software* R para determinar as frequências absolutas e relativas da correlação entre as atividades profissionais das três áreas e para construir os respectivos histogramas.

### 5.1.1 Arquivista

Na tabela a seguir, as atividades do grupo Arquivista foram descritas conforme relação de similaridade. Portanto, pode-se observar que 94 (70,7%) das 133 atividades deste grupo, referidas pela CBO 4.0.2 de 2002 (RF 2613), poderiam

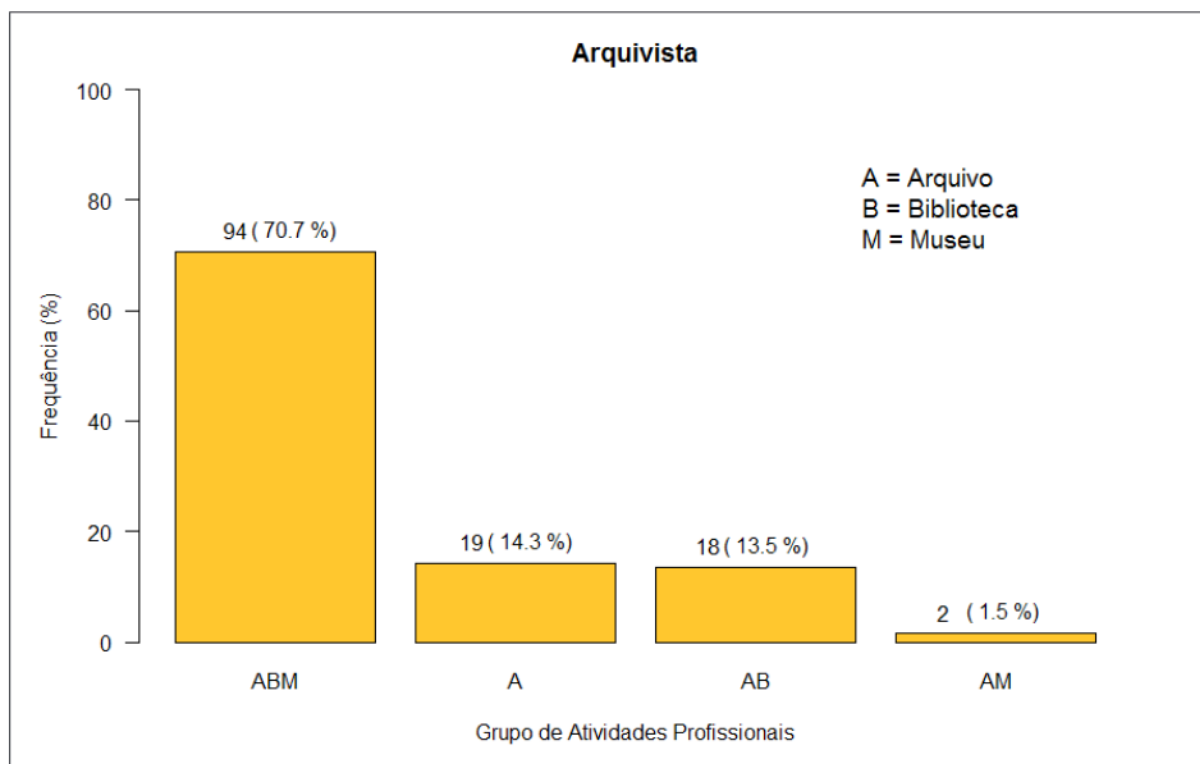
ser realizadas similarmente por arquivistas, bibliotecários e museólogos. Algumas atividades 19 (14,3%) poderiam ser realizadas exclusivamente pelo arquivista, outras 18 (13,5%) poderiam ser realizadas tanto pelos arquivistas quanto pelos bibliotecários e exclusivamente 2 (1,5%) poderiam realizadas tanto pelos arquivistas quanto pelos museólogos.

**Tabela 1** - Tabela de Frequência das atividades similares realizadas pelos profissionais das três áreas (ABM) tendo como referência o Arquivista - Relatório de Família (RF) 2613 da CBO 4.0.2 de 2002

Arquivista	N	%
Arquivo (A)	19	14,3%
Arquivo e Biblioteca (AB)	18	13,5%
Arquivo e Museu (AM)	2	1,5%
Arquivo, Biblioteca e Museu (ABM)	94	70,7%
Total	133	100%

Fonte: Propria.

**Gráfico 1** - Histograma das atividades similares tendo como referência a CBO 4.0.2 de 2002 (RF-2613) - Arquivista



Fonte: Propria.

Na tabela seguinte, as atividades para o grupo Arquivista foram estratificadas entre os subgrupos nela existentes. Dessa forma, pode-se observar:

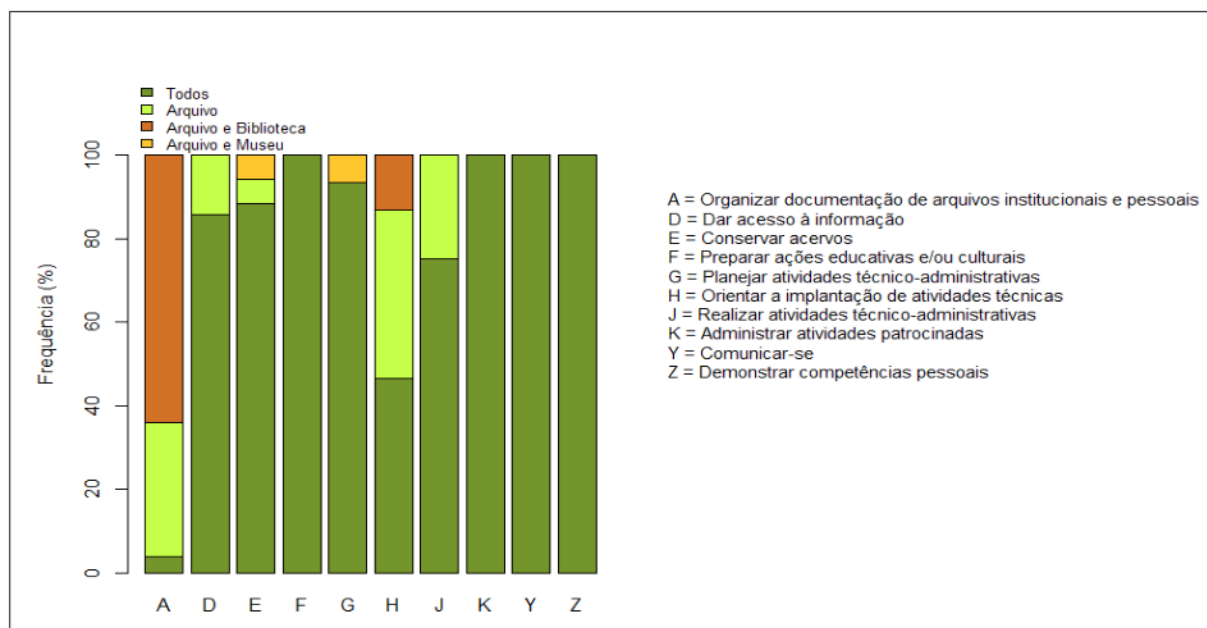
- As atividades dos subgrupos (“F: Preparar ações educativas e/ou culturais”, “K: Administrar atividades patrocinadas”, “Y: Comunicar-se” e “Z: Demonstrar competências pessoais”) possuem todas as atividades comuns às três profissões (arquivista, bibliotecário e museólogo).
- Das 17 atividades do subgrupo “E: Conservar acervos”, 15 poderiam ser realizadas por arquivistas, bibliotecários e museólogos, 1 deveria ser realizada somente pelos arquivistas e 1 poderia ser realizada tanto pelos arquivistas quanto pelos museólogos.
- Das 15 atividades do subgrupo “G: Planejar atividades técnico-administrativas”, 14 poderiam ser realizadas pelos três profissionais e 1 é realizada tanto pelos arquivistas quanto pelos museólogos.
- Das 25 atividades do subgrupo “A: Organizar documentação de arquivos institucionais e pessoais”, 16 poderiam ser realizadas tanto pelos arquivistas quanto pelos bibliotecários, 8 atividades poderiam ser realizadas somente pelos arquivistas e 1 atividade seria realizada pelos três profissionais em suas instituições.
- Das 14 atividades do subgrupo “D: Dar acesso à informação”, 12 poderiam ser realizadas pelos três profissionais em suas instituições e 2 poderiam ser realizadas somente pelos arquivistas.
- Das 15 atividades do subgrupo “H: Orientar a implantação de atividades técnicas”, 7 seriam realizadas pelos três profissionais em suas instituições, 6 seriam realizadas somente pelos arquivistas e 2 seriam realizadas tanto pelos arquivistas quanto pelos bibliotecários.
- Das 8 atividades do subgrupo “J: Realizar atividades técnico-administrativas”, 6 poderiam ser realizadas pelos três profissionais em suas instituições e 2 seriam realizadas somente pelos arquivistas.

**Tabela 2** - Tabela de frequência das atividades similares realizadas pelos profissionais das três áreas (ABM) tendo como referência o Arquivista - Relatório de Família 2613 da CBO 4.0.2 de 2002 - Estratificada por subgrupos

Subgrupos	Arquivista				
	Arquivo	Arquivo e Biblioteca	Arquivo Museu	e Todos	Total
A	8 (32%)	16 (64%)	-	1 (4%)	25 (100%)
D	2 (14%)	-	-	12 (86%)	14 (100%)
E	1 (6%)	-	1 (6%)	15 (88%)	17 (100%)
F	-	-	-	11 (100%)	11 (100%)
G	-	-	1 (7%)	14 (93%)	15 (100%)
H	6 (40%)	2 (13%)	-	7 (47%)	15 (100%)
J	2 (25%)	-	-	6 (75%)	8 (100%)
K	-	-	-	6 (100%)	6 (100%)
Y	-	-	-	9 (100%)	9 (100%)
Z	-	-	-	13 (100%)	13 (100%)

Fonte: Propria.

**Gráfico 2** - Histograma das atividades similares - Estratificado entre os subgrupos - tendo como referência o Arquivista



Fonte: Propria.

### 5.1.2 Bibliotecário

Na tabela seguinte, as atividades do grupo Bibliotecário foram descritas conforme relação de similaridade entre as três áreas (ABM). Portanto, pode-se observar que 94 (79,7%) das 118 atividades deste grupo, referidas pela CBO 4.0.2 de 2002 (RF 2612), poderiam

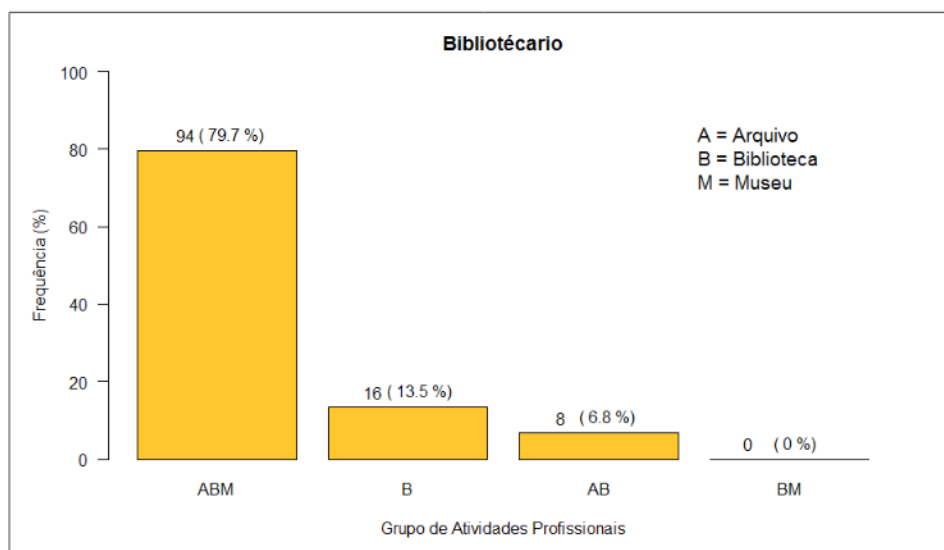
ser realizadas similarmente por arquivistas, bibliotecários e museólogos. Algumas atividades 16 (13,5%) poderiam ser realizadas somente pelo Bibliotecário e outras 8 (6,8%) seriam realizadas tanto pelos arquivistas quanto pelos bibliotecários. Não haveria atividade que bibliotecários e museólogos realizassem, exclusivamente.

**Tabela 3** - Tabela de frequência das atividades similares realizadas pelos profissionais das três áreas (ABM) tendo como referência o Bibliotecário - Relatório de Família (RF) 2612 da CBO 4.0.2 de 2002

Bibliotecário	N	%
Biblioteca (B)	16	13,5%
Arquivo e Biblioteca (AB)	8	6,8%
Biblioteca e Museu (BM)	0	0,0%
Arquivo, Biblioteca e Museu (ABM)	94	79,7%
Total	118	100%

Fonte: Propria.

**Gráfico 3** - Histograma das atividades similares tendo como referência a CBO 4.0.2 de 2002 (RF-2613) – Bibliotecário



Fonte: Propria.

Na tabela seguinte, as atividades para o grupo Bibliotecário foram estratificadas entre os subgrupos nele existentes. Dessa forma, pode-se observar:

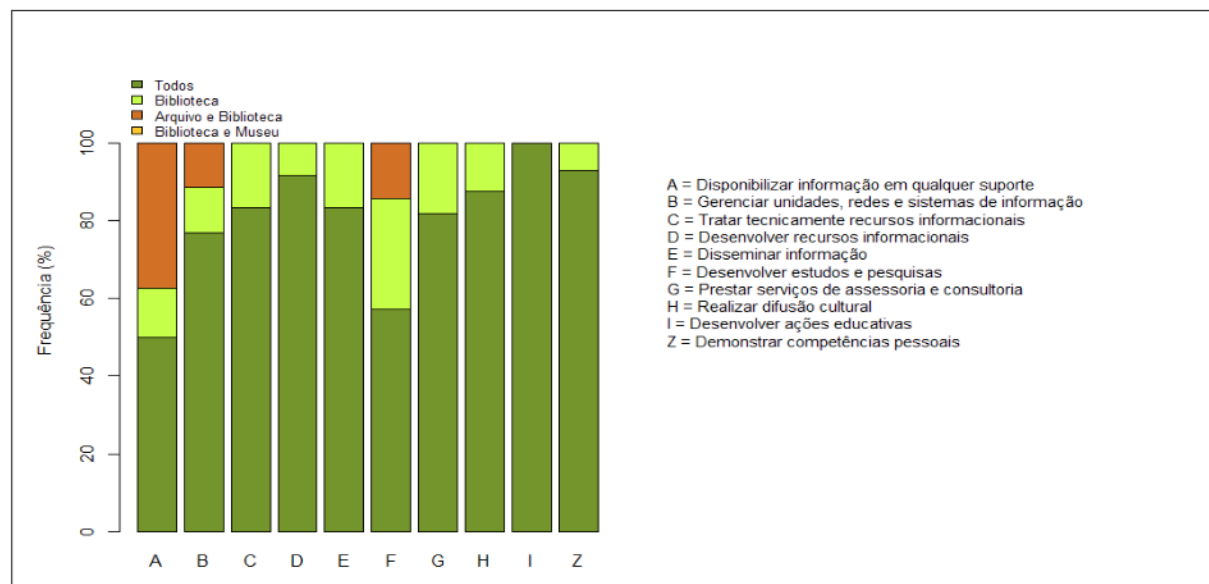
- Das 8 atividades do subgrupo “A: Disponibilizar informação em qualquer suporte”, 4 poderiam ser realizadas por arquivistas, bibliotecários e museólogos, 3 seriam realizadas tanto pelo Arquivista quanto pelo Bibliotecário e 1 é realizada somente pelo Bibliotecário.
- Das 26 atividades do subgrupo “B: Gerenciar unidades, redes e sistemas de informação”, 20 poderiam ser realizadas por arquivistas, bibliotecários e museólogos, 3 seriam realizadas tanto pelo Arquivista quanto pelo Bibliotecário, e 3 poderiam ser realizadas somente pelo Bibliotecário.
- Das 12 atividades do subgrupo “C: Tratar tecnicamente recursos informacionais”, 10 poderiam ser realizadas por arquivistas, bibliotecários e museólogos; e 2 seriam realizadas somente pelo Bibliotecário.
- Das 12 atividades do subgrupo “D: Desenvolver recursos informacionais”, 11 poderiam ser realizadas por arquivistas, bibliotecários e museólogos; e 1 atividade seria realizada somente pelo Bibliotecário.
- Das 6 atividades do subgrupo “E: Disseminar informação”, 5 poderiam ser realizadas pelos três profissionais e 1 atividade seria realizada somente pelo Bibliotecário.
- Das 14 atividades do subgrupo “F: Desenvolver estudos e pesquisas”, 8 poderiam ser realizadas por arquivistas, bibliotecários e museólogos, 4 seriam realizadas somente pelo Bibliotecário e 2 atividades poderiam ser realizadas tanto pelo Arquivista quanto pelo Bibliotecário.
- Das 11 atividades do subgrupo “G: Prestar serviços de assessoria e consultoria”, 9 poderiam ser realizadas por arquivistas, bibliotecários e museólogos e 2 seriam realizadas somente pelo Bibliotecário.
- Das 8 atividades do subgrupo “H: Realizar difusão cultural”, 7 poderiam ser realizadas por arquivistas, bibliotecários e museólogos e 1 atividade seria realizada somente pelo Bibliotecário.
- Todas as 7 atividades do subgrupo “I: Desenvolver ações educativas” poderiam ser realizadas por arquivistas, bibliotecários e museólogos no âmbito de suas instituições.
- Das 14 atividades do subgrupo “Z: Demonstrar competências pessoais”, 13 poderiam ser realizadas por profissionais das três áreas e 1 atividade seria realizada somente pelo Bibliotecário.

**Tabela 4** - Tabela de frequência das atividades similares realizadas pelos profissionais das três áreas (ABM) tendo como referência o Bibliotecário - Relatório de Família 2612 da CBO 4.0.2 de 2002 - Estratificada por subgrupos

Subgrupos	Bibliotecário			Todos	Total
	Biblioteca	Arquivo e Biblioteca	Biblioteca e Museu		
A	1 (13%)	3 (38%)	-	4 (50%)	8 (100%)
B	3 (12%)	3 (12%)	-	20 (77%)	26 (100%)
C	2 (17%)	-	-	10 (83%)	12 (100%)
D	1 (8%)	-	-	11 (92%)	12 (100%)
E	1 (17%)	-	-	5 (83%)	6 (100%)
F	4 (29%)	2 (14%)	-	8 (57%)	14 (100%)
G	2 (18%)	-	-	9 (82%)	11 (100%)
H	1 (13%)	-	-	7 (88%)	8 (100%)
I	-	-	-	7 (100%)	7 (100%)
Z	1 (7%)	-	-	13 (93%)	14 (100%)

Fonte: Propria.

**Gráfico 4** - Histograma das atividades similares - Estratificado entre os subgrupos, tendo como referência o Bibliotecário



Fonte: Propria.

### 5.1.3 Museólogo

Na tabela a seguir, as atividades do grupo Museólogo foram descritas conforme relação de similaridade entre as três áreas (ABM). Portanto, pode-se observar que 89 (79,5%) das 112 atividades deste grupo, referidas pela CBO 4.0.2 de 2002 - (RF 2613), poderiam

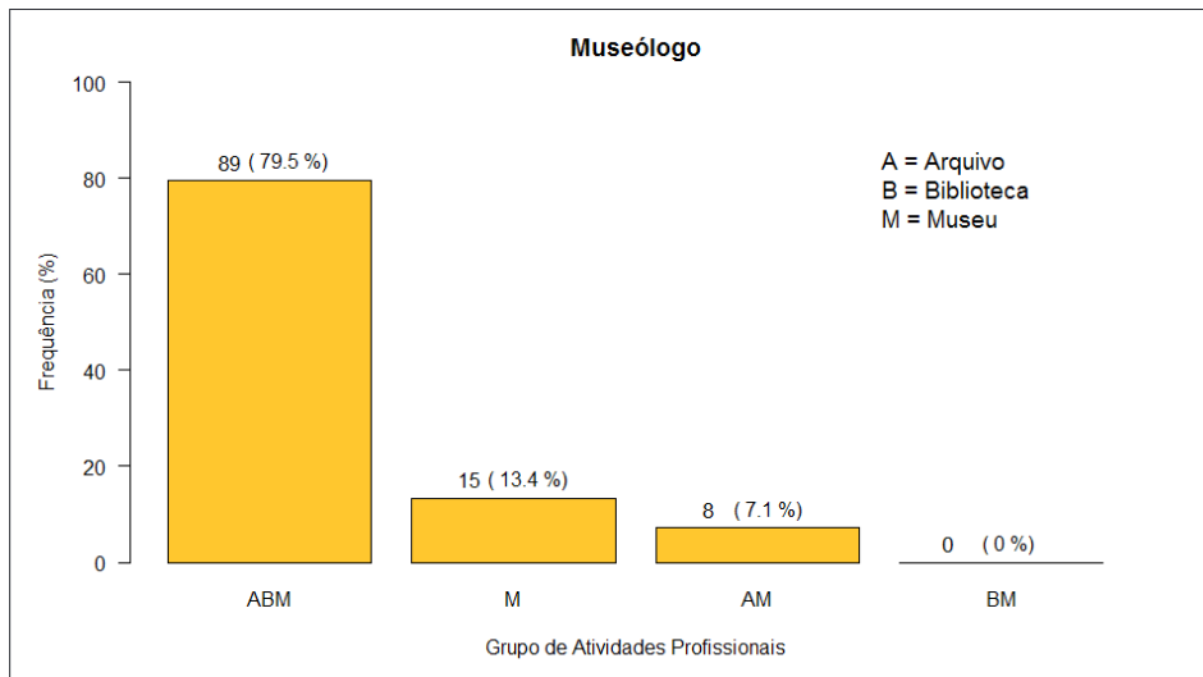
ser realizadas similarmente por arquivistas, bibliotecários e museólogos. Outras atividades, 15 (13,4%), poderiam ser realizadas somente pelos museólogos e 8 (7,1%) atividades poderiam ser realizadas tanto pelos arquivistas quanto pelos museólogos. Não haveria atividade que bibliotecários e museólogos realizassem exclusivamente.

**Tabela 5** - Tabela de frequência das atividades similares realizadas pelos profissionais das três áreas (ABM) tendo como referência o Museólogo - Relatório de Família (RF) 2613 da CBO 4.0.2 de 2002

Museólogo	N	%
Museu (M)	15	13,4%
Arquivo e Museu (AM)	8	7,1%
Biblioteca e Museu (BM)	0	0,0%
Arquivo, Biblioteca e Museu (ABM)	89	79,5%
Total	112	100%

Fonte: Propria.

**Gráfico 5** - Histograma das atividades similares tendo como referência a CBO 4.0.2 de 2002 (RF-2613) - Museólogo



Fonte: Propria.

Na tabela seguinte, as atividades para o grupo Museólogo foram estratificadas entre os subgrupos nele existente. Dessa forma, pode-se observar:

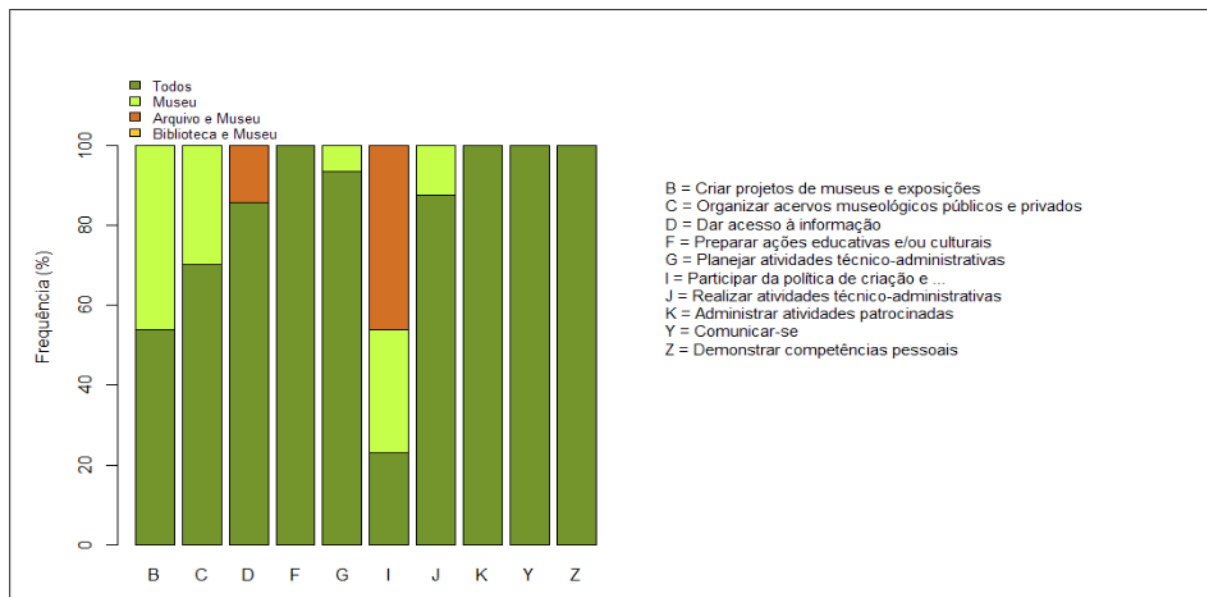
- As atividades dos subgrupos (“F: Preparar ações educativas e/ou culturais”, “K: Administrar atividades patrocinadas”, “Y: Comunicar-se” e “Z: Demonstrar competências pessoais”) possuem todas as atividades comuns às três profissões (Arquivista, Bibliotecário e Museólogo).
- Das 13 atividades do subgrupo “B: Criar projetos de museus e exposições”, 7 poderiam ser realizadas por arquivistas, bibliotecários e museólogos no âmbito de suas instituições; e 6 seriam realizadas somente pelo Museólogo.
- Das 10 atividades do subgrupo “C: Organizar acervos museológicos públicos e privados”, 7 poderiam ser realizadas por arquivistas, bibliotecários e museólogos e 3 seriam realizadas somente pelo Museólogo.
- Das 14 atividades do subgrupo “D: Dar acesso à informação”, 12 poderiam ser realizadas por arquivistas, bibliotecários e museólogos, no âmbito de suas instituições, e 2 são realizadas tanto pelo Arquivista quanto pelo Museólogo.
- Das 15 atividades do subgrupo “G: Planejar atividades técnico-administrativas”, 14 poderiam ser realizadas por arquivistas, bibliotecários e museólogos, no âmbito de suas instituições, e 1 seria realizada somente pelo Museólogo.
- Das 13 atividades do subgrupo “I: Participar da política de criação e implantação de museus e instituições arquivísticas”, 6 seriam realizadas tanto pelo Arquivista quanto pelo Museólogo, 4 atividades seriam realizadas somente pelo Museólogo e 3 atividades poderiam ser realizadas por arquivistas, bibliotecários e museólogos, no âmbito de suas instituições.
- Das 8 atividades do subgrupo “J: Realizar atividades técnico-administrativas”, 7 poderiam ser realizadas por arquivistas, bibliotecários e museólogos e 1 é realizada somente pelo Museólogo.

**Tabela 6** - Tabela de frequência das atividades similares realizadas pelos profissionais das três áreas (ABM), tendo como referência o Museólogo - Relatório de Família 2613 da CBO 4.0.2 de 2002 - Estratificada por subgrupos

Subgrupos	Museólogo			Todos	Total
	Museu	Arquivo e Museu	Biblioteca e Museu		
B	6 (46%)	-	-	7 (54%)	13 (100%)
C	3 (30%)	-	-	7 (70%)	10 (100%)
D	-	2 (14%)	-	12 (86%)	14 (100%)
F	-	-	-	11 (100%)	11 (100%)
G	1 (7%)	-	-	14 (93%)	15 (100%)
I	4 (31%)	6 (46%)	-	3 (23%)	13 (100%)
J	1 (13%)	-	-	7 (88%)	8 (100%)
K	-	-	-	6 (100%)	6 (100%)
Y	-	-	-	9 (100%)	9 (100%)
Z	-	-	-	13 (100%)	13 (100%)

Fonte: Propria.

**Gráfico 6** - Histograma das atividades similares - Estratificado entre os subgrupos, tendo como referência o Museólogo



Fonte: Propria.

## 6 CONCLUSÃO

Ao serem detalhadas as instituições, seus profissionais e as atividades por eles desenvolvidas, percebem-se diferenças estruturantes que tornam insustentável uma tentativa de unificação dos campos. Contudo, existe um percentual de semelhança entre algumas atividades profissionais, fundamentadas por disciplinas científicas que poderiam justificar uma colaboração contínua entre instituições, profissionais e teóricos dessas três áreas.

Os resultados da comparação das atividades, referidas pela CBO 4.0.2 de 2002 (RF 2613), do grupo Arquivista demonstraram que essa área possui grande conectividade com Bibliotecas e Museus, sendo constatados 70,7% de atividades similares; as relações desse grupo com as atividades do Bibliotecário mantem uma frequência relativa maior (13,5%) do que comparada com os Museólogos. Contudo, o grupo Arquivista mantem considerável percentual de atividades profissionais exclusivas (14,3%), o que atesta sua identidade singular enquanto campo profissional.

As atividades relacionadas ao perfil profissional, a busca por patrocínios e a

preparação de ações educativas e/ou culturais do grupo Arquivista revelam maior conectividade com Bibliotecários e Museólogos, seguidas das atividades ligadas à conservação de acervos e planejamento de atividades técnico-administrativas. Também possuem grande inter-relação com atividades de organização de arquivos e mediação.

No grupo Bibliotecário, referidas pela CBO 4.0.2 de 2002 (RF 2612), também pode-se observar que existe um alto percentual de correlação entre atividades profissionais, 79,7%, realizadas similarmente por arquivistas e museólogos. As relações desse grupo com as atividades do Arquivista mantem uma frequência relativa maior (6,8%) e não haveria atividade que bibliotecários e museólogos realizassem, exclusivamente. Contudo, o grupo Bibliotecário também mantem considerável percentual de atividades profissionais exclusivas (13,5%), atestando sua identidade singular enquanto campo profissional.

As atividades de gestão de unidades, redes e sistemas de informação, tratar tecnicamente recursos informacionais, desenvolver ações educativas e/ou culturais estão entre as de maior correlação com Arquivistas e Museólogos. As



características de perfil do profissional também mantiveram grande relação entre as três áreas do ponto de vista do bibliotecário.

Quanto às atividades do grupo Museólogo, foram descritas conforme relação de similaridade entre as três áreas (ABM) 79,5% das 112 atividades deste grupo, referidas pela CBO 4.0.2 de 2002 - (RF 2613). A correlação das atividades do grupo Museólogo mantém um maior percentual com o grupo Arquivista (7,1%), não havendo atividades correlatas com o grupo Bibliotecário. Mantendo uma média de atividades exclusivas semelhante à dos outros grupos (13,4%), museólogos asseguram sua relevância enquanto campo profissional.

As atividades "Preparar ações educativas e/ou culturais", " Administrar atividades

patrocinadas", "Comunicar-se" e "Demonstrar competências pessoais" do grupo Museólogo, possuem maior relação de similaridade com os grupos Arquivista e Bibliotecário. Todavia, as atividades ligadas ao grupo "Dar acesso à informação" e "Planejar atividades técnico-administrativas" também possuem grande correlação com as outras áreas.

Quanto ao quadro geral de similaridade entre atividades dessas três áreas e instituições, concluiu-se que as atividades de maior correlação são: 1) Gerenciar unidades, redes e sistemas de informação; 2) Conservar acervos; 3) Planejar atividades técnico-administrativas; 4) Demonstrar competências pessoais 5) Dar acesso à informação; 6) Desenvolver recursos informacionais; 7) Preparar ações educativas e/ou culturais.

---

Artigo recebido em 18/05/2016 e aceito para publicação em 21/08/2016

---

## CONNECTIONS AMONG ARCHIVE, LIBRARIE AND MUSEUM: *similarity of professional activities*

### ABSTRACT

*This study aimed to analyzing the institutional relationship among Archives, Libraries and Museums with the purpose of identifying possible relations of similarity among their professional activities, as well as determining how these connections influence the mutual cooperation process. The fact that there is a global movement of connectivity among museums, libraries and archives in order to promoting and developing strategic and policies of inter-institutional collaboration focused on knowledge sharing, saving financial and human resources, common funding policies, promotion of institutional good practices; all of it has encouraged the rapprochement among the three areas and a growth can be noticed, especially in the last two decades, in interdisciplinarity, partnerships and institutional collaborations with the purpose of providing a more comprehensive service with higher quality.*

**Keywords:** *Archive. Library. Museum.*

### REFERÊNCIAS

ALEXANDER, E. P. **Museum Masters: Their Museums and their Influence**, Nashville: American Association for State and Local History, 1983.

ANZOVIN, S. **Famous first facts: international edition a record of first happenings, discoveries**

and inventions in world history. New York [u.a.]: Wilson, 2000.

\_\_\_\_\_. **Arquivologia, Biblioteconomia, Museologia e Ciência da Informação: o diálogo possível**. Brasília: Briquet de Lemos, 2014.

\_\_\_\_\_. **Ciência da Informação como campo integrador para as áreas de Biblioteconomia,**

- Arquivologia e Museologia. **Informação & Informação**, Londrina, v. 15, n. 1, p. 173-189, 2010.
- \_\_\_\_\_. Ciência da informação, biblioteconomia, arquivologia e museologia: relações institucionais e teóricas. **Encontros Bibli**, Florianópolis, v. 16, p. 110-130, 2011.
- ARQUIVO NACIONAL (Brasil). **Dicionário brasileiro de terminologia arquivística**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005. 232 p. (Publicações Técnicas; n. 51).
- ASSOCIAÇÃO DOS ARQUIVISTAS FRANCESES. **Manuel d'archivistique: théorie et pratique des archives publiques en France**. Paris: S.E.V.P.E.N, 1970. 805 p.
- ASSOCIAÇÃO DOS ARQUIVISTAS HOLANDESES. **Manual de arranjo e descrição de arquivos**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1973. 167 p.
- BATES, Marcia J. **The Information Professions: Knowledge, Memory, Heritage**. Association for Library and Science Education conference, Dallas, TX, Jan. 18, 2012.
- BEARMAN, D. Experience delivery services. In: CONGRESSO NACIONAL DE BIBLIOTECARIOS ARQUIVISTAS E DOCUMENTALISTAS, 5., 1994. Lisboa. **Anais...** Lisboa: Associação de Bibliotecários Arquivistas e Documentalistas, 1994. Arquivos, p.153-159.
- BEARMAN, T. C. The education of archivists: future challenges for schools of library and information science. **Journal of Education for Library and Information Science**, v. 34, n. 1, p. 6672, 1993.
- BELLOTTO, Heloísa Liberalli. **Arquivo: estudos e reflexões**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2014.
- \_\_\_\_\_. **Arquivos permanentes: tratamento documental**. 4. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006. Cap. 2, p. 35-43.
- BELO HORIZONTE. Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais. **Manual de gestão de documentos**. Texto de Emília Barroso Cruz. ed. rev. e atual. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais, Arquivo Público Mineiro, 2013. 146 p.; 30 cm. (Cadernos Técnicos do Arquivo Público Mineiro; n. 3).
- BRASIL. **Cultura em números: anuário de estatísticas culturais**. 2. ed. Brasília: MinC, 2010.
- \_\_\_\_\_. **Museus em Números/Instituto Brasileiro de Museus**. Brasília: Instituto Brasileiro de Museus, 2011.
- \_\_\_\_\_. **Sistema de Informações e Indicadores Culturais**. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas, 2006.
- BRETTAS, Aline Pinheiro. **A Sociedade Literária de Belo Horizonte: um legado cultural da Biblioteca Municipal para a cidade**. [S.l: s.n.], 2009.
- BRIET, Suzanne. **Qu'est-ce que la documentation?**. Paris: Édit, 1951. 48 p.
- BRITANNICA ENCYCLOPAEDIA. **The new encyclopaedia Britannica**. v. 2, n. edition 15, 1997.
- BRULON SOARES, B. C. Caminhos da Museologia: transformações de uma ciência do museu. **Senatus** (Senado Federal), v. 7, p. 32-41, 2009.
- BRUNO, M. C. O. (Org.); COUTINHO, M. I. L.; ARAÚJO, M. M. (Col.). **Waldisa Rússio Camargo Guarnieri**. Textos e contextos de uma trajetória profissional. São Paulo: Pinacoteca do Estado: Secretaria de Estado de Cultura, Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, ICOM - BR, 2010. v. 1 p. 245.
- BUCKLAND, Michael K. Information as thing. **Journal of the American Society of Information Science**, v. 42, n. 5, p. 351-360, Jun. 1991. Disponível em: <<http://people.ischool.berkeley.edu/~buckland/thing.html>>. Acesso em: 15 jun. 2008.
- CAMARGO, Ana Maria de Almeida. Arquivo, documento e informação. **Arquivo &**

**Administração**. Rio de Janeiro, v. 15-23, p. 34-40, jan./dez. 1994.

CAMARGO, Ana Maria de Almeida; BELLOTTO, Heloísa Liberalli (Coord.). **Dicionário de terminologia arquivística**. São Paulo: Associação dos Arquivistas Brasileiros. Núcleo Regional de São Paulo; Secretaria de Estado e Cultura, 1996. 142 p.

CAPURRO, Rafael. Pasado, presente y futuro de la noción de información. 2008. In: ENCuentro Internacional de Expertos em Teorias de la Información: Un Enfoque Interdisciplinar, 1. León, Espanha. Disponível em: <<http://www.capurro.de/leon.pdf>>. Acesso em: 5 abr. 2009.

CAPURRO, Rafael; HJORLAND, Birger. O conceito de informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 12, n. 1, p. 148-207, 2007.

CARR, D. In the contexts of the possible: libraries and museums as incendiary cultural institutions. **Journal of Rare Books Manuscripts and Cultural Heritage**, v. 1, n. 2, p. 117-135, 2000.

CARVALHO, José Murilo. **Pontos e bordados**: escritos de história e política. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

CASANOVA, E. **Archivística**. Siena: Stab Arthi Grafiche Lazzeri, 1928.

CASTRO, César Augusto. **História da biblioteconomia brasileira**: perspectiva histórica. Brasília, DF: Thesaurus, 2000.

CESARINO, Maria Augusta da Nóbrega (Org.). **Biblioteca pública estadual Luiz de Bessa**: 50 anos de cultura. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura de Belo Horizonte: Superintendência de bibliotecas públicas, 2006.

CHARNES, G. G. Museums, archives, and libraries: estranged siblings. Disponível em: <<http://home.comcast.net/tildageorgenagogo/musarchlib.html>>. Acesso em: nov. 2014.

COLEÇÃO. In: POMIAN, Krzysztof. **Enciclopédia Einaudi**. [S.l.]: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1984. v. 1. p. 51-84.

CORREIA, A. E. G. C. **A influência exercida pelo sistema de avaliação da Capes na produção científica dos programas de pós-graduação em Física**. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, Belo Horizonte, 2012, 214 p.

COSTA, L. L. M.; LIMA, Diana Farjalla Correia. **O termo museólogo e seu conceito**: análise da atividade profissional em coleções de artistas plásticos contemporâneos. [S.l: s.n.], 2013.

CRUZ MUNDET, José Ramón. **Archivística**: gestion de documentos y administracion de archivos. [S.l.]: Alianza Editorial, 2012. 360 p.

\_\_\_\_\_. **Manual de arquivística**. Madrid: Fundación Gemán Sánchez Ruipérez, 2001. 413 p.

CUNHA, M. B.; CAVALCANTI, C. R. de O. **Dicionário de biblioteconomia e arquivologia**. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 2008.

DEIBERT, Ronald J. **Parchment, Printing and Hypermedia**: Communication and World Order Transformation (New Directions in World Politics). Columbia University Press, 1997.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François (Ed.). **Conceitos-chave de Museologia**. Tradução e comentários Bruno Brulon Soares e Marília Xavier Cury. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus: Pinacoteca do Estado de São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 2013. 100 p.

DUCHEIN, Michel. The History of European Archives and the Development of the Archival Profession in Europe. **American Archivist**, v. 55, 1992.

DURANTI, Luciana (Ed.). **The InterPARES Project**: The long-term preservation of the authentic electronic records: findings of the InterPARES Project. Italia: Archilab, 2005. 364 p.

DURANTI, Luciana. The Archival Body of Knowledge: Archival Theory, Method, and Practice, and Graduate and Continuing Education. **Journal of Education for Library and**

- Information Science**, v. 34, n. 1, p. 8-24, Winter 1993.
- \_\_\_\_\_. The concept of appraisal and archival theory. **American Archivist**, v. 57, p. 329-344, Spring 1994.
- \_\_\_\_\_. The Concept of Electronic Record. In: EASTWOOD; Terry; MACNEIL, Heather. **Preservation of the integrity of electronic records**. Dordrecht: Kluwer Academic, 2002. Cap. 1, p. 9-22.
- \_\_\_\_\_. The Odyssey of Records Managers. **Records Management Quarterly**, v. 23, n. 3, p. 3-11, 1989.
- EISENSTEIN, Elizabeth L. **The printing Press as an Agent of Change**. Port Chester, NY: Cambridge University Press, 1979.
- FALETAR, S.; BOSANČIĆ, B. **World Library and Information Congress : 71th IFLA General Conference and Council "Libraries - A voyage of discovery"**. [S.l: s.n.], 2005. p. 1-12.
- FERNÁNDEZ, L. A. **Nueva museología: planteamientos y retos para el futuro**. 2. ed. Madrid: Alianza, 2011.
- FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- \_\_\_\_\_. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 1999. 541 p.
- GAHTAN, Maia W (Ed.). **Giorgio Vasari and the Birth of the Museum**. Londres: Ashgate Publishing, 2014.
- GARCIA SERRANO, F. **El Museo Imaginado**. [S.l: s.n.], 2000. p. 39-62.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GOMES, Maria do Carmo Alvarenga Andrade. **A produção do conhecimento histórico e o documento: estudo da relação entre a historiografia mineira e as fontes**. 1979/1990. Dissertação (Mestrado) - Escola de Biblioteconomia, UFMG, Belo Horizonte, 1994.
- GONZÁLEZ BUENO, Antonio; BARATAS DÍAZ, Alfredo (Ed.). **Museos y colecciones de Historia Natural**. Investigación, educación y difusión. Memorias de la Real Sociedad Española de Historia Natural. Segunda época. t. XI, 2013, 422 p.
- GORDON, Cyrus Herzl; RENDSBURG, Gary; WINTER, Nathan H. **Eblaitica: Essays on the Ebla Archives and Eblaite Language**. EUA: Eisenbrauns, 2002. v. 4.
- GRUPO IBEROAMERICANO DE TRATAMIENTO DE ARCHIVOS ADMINISTRATIVOS. **Hacia un diccionario de terminología archivística**. Santafe de Bogotá: Archivo General de la Nación de Colombia, 1997. 127 p.
- HEDSTROM, M.; KING, J. L. On the LAM: Library, Archive, and Museum Collections in the Creation and Maintenance of Knowledge Communities. **Collections**, p. 1-40, 2003. Disponível em: <<http://www.oecd.org/dataoecd/59/63/32126054.pdf>\n <http://j.l.king.people.si.umich.edu/OECD-LAM-published.pdf>>.
- HEREDIA HERRERA, A. Em torno al tipo documental. **Arquivo & Administração**, v. 6, n. 2, p. 25-50, jul./dez. 2007.
- \_\_\_\_\_. **Archivística General**. Teoría y Práctica. Sevilla. Diputación Provincial de Sevilla, 1991.
- \_\_\_\_\_. **Manual de archivística básica: gestión y sistemas**. Puebla, México: Benemérita Universidad Autónoma de Puebla/Archivo Histórico Universitario, 2013.
- \_\_\_\_\_. **Que es un archivo?**. Gijón: Ediciones TREA, 2007. 135 p.
- HERNÁNDEZ, F. H. **Planeamientos teóricos de la museología**. Gijón: Ediciones Trea, 2006.
- \_\_\_\_\_. **Manual de museología**. Espanha: Editorial Síntesis, 1998.

- HOMULOS, P. Museums to libraries: a family of collecting institutions. *Art Libraries Journal*, v. 15, n. 1, p. 11-13, 1990.
- HOOPER-GREENHILL, E. **Museums and the shaping of knowledge**. London; New York: Routledge, 1995.
- HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de filosofia**. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1995.
- JARDIM, J. M. O acesso à informação arquivística no Brasil: problemas de acessibilidade e disseminação. In: MESA-REDONDA NACIONAL DE ARQUIVOS, 1999, Rio de Janeiro.
- JENKINSON, Hilary. **A Manual of Archive Administration**. Oxford: Oxford University Press, 1922. 243 p.
- JULIÃO, L. Apontamentos sobre a história do museu. In: NASCIMENTO, S. *et al.* (Org.). **Caderno de Diretrizes Museológicas**. Brasília: MinC/Iphan/Departamento de Museus e Centros Culturais; Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/Superintendência de Museus, 2006. p. 19-31.
- \_\_\_\_\_. **Colecionismo Mineiro**. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/Superintendência de Museus/Associação dos Amigos do Museu Mineiro, 2002.
- LASSO DE LA VEGA, Javier. **Manual de Biblioteconomía: organización técnica y científica de las bibliotecas**. Madrid: Editorial Mayfe, 1952.
- \_\_\_\_\_. **Manual de documentación**. Barcelona: Editorial Labor, 1969.
- LATOUR, B. **Science in action: how to follow scientists and engineers through society**. Milton Keynes: Open University Press, 1987.
- LEI Nº 126 DE 11 DE JULHO DE 1895. **Revista do Arquivo Público Mineiro**, 1896.
- LEÓN, Aurora. **El museo**. Teoría, praxis y utopía. Madrid: Ediciones Cátedra, 1978.
- LEONHARDT, H. A. What is library material, what archive material and what museum material: an attempt at the categorization of documentation materials and institutions. **Bibliotheksdienst**, v. 23, n. 8/9, p. 891-904, 1989.
- LEWIS, Clarence Irving. **A survey of symbolic logic**. [S.l: s.n.], 1960.
- LIVELTON, Trevor. **Archival theory, records and the public**. Lanham: Scarecrow Press, 1996. 177 p.
- LODOLINI, Elio. **Archivística: principi e problemi**. 5. ed. ampl. Milão: Franco Angeli Libri, 1990. 324 p.
- \_\_\_\_\_. El problema fundamental de la Archivística: la naturaleza y el ordenamiento del archivo. **Irargi - Revista de Archivística**, [Espanha], v. 1, n. 0, p. 27-61, 1988.
- MAGÁN WALSH, José Antonio. **Tratado básico de biblioteconomía**. 5. ed. Madrid: Editorial Complutense, 2004.
- MAROEVIĆ, Ivo (Vlg.). **Introduction to Museology: The European Approach**. Front Cover. Dr. C. Müller-Straten, 1998. Museum techniques, 358 p.
- MARQUES, C. **O Museu como Sistema de Informação**. [S.l: s.n.], 2010.
- MARTIN, R. S. Cooperation and Change: Archives, libraries and museums in the United States./World Library and Information Congress. In: IFLA GENERAL CONFERENCE AND COUNCIL, 69<sup>th</sup>. 1-9 Aug. 2003, Berlin. Disponível em: <[www.ifla.org/IV/ifla69/papers/066e-Martin.pdf](http://www.ifla.org/IV/ifla69/papers/066e-Martin.pdf)>. Acesso em: 15 out. 2014.
- MARTINS, Roberto (Org.). **Plano do Circuito Cultural Praça da Liberdade**. Governo do Estado de Minas Gerais, 2005.

- MASON, R.O. What is an information professional? *Journal of Education for Library and Information Science*, v. 31, n. 2, p. 122-38, 1990.
- MENEGALE, J. Guimarães. **O que é e o que deve ser a Biblioteca Pública**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1932. 104 p.
- MENNE-HARITZ, A. Ernst Posner's Archives and the Public Interest. *The American Archivist*, v. 68, p. 322-332, fall-winter 2005. Disponível em: <<http://archivists.metapress.com/content/91g3054k0057k462/>> Acesso em: 19 jul. 2012.
- MENNE-HARITZ, Angelika. What can be achieved with archives? In: SECOND STOCKHOLM CONFERENCE ON ARCHIVAL SCIENCE AND THE CONCEPT OF RECORD, 30-31 May 1996. The concept of record: report. Stockholm: Riksarkivet, 1998. p. 11-24.
- MINAYO, M. C. de S. Introdução: conceito de avaliação por triangulação de métodos. In: MINAYO, M. C. de S.; ASSIS, S. G. de; SOUZA, E. R. de. (Org.). **Avaliação por triangulação de métodos: abordagem de programas sociais**. 2. reimp. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005.
- MUELLER, S.P.M. Em busca de uma base comum para formação profissional em biblioteconomia, ciência da informação e arquivologia: relato de um simpósio promovido pela Unesco. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, Brasília, v. 2, n.2, p. 157-65, 1984.
- MYERS, Michael. Qualitative research in information systems, Apr. 2000. Disponível em: <<http://www.qual.auckland.ac.nz/>>. Acesso em: 04 ago. 2010.
- ORTEGA, C. D. Relações históricas entre Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação. *Datagrama zero*, Rio de Janeiro, v. 5, n.5, p. 3, 2004.
- OTLET, Paul. **El tratado de documentación: el libro sobre el libro, teoría y práctica**. Bruselas: Mundaneum, 1934.
- PEARCE, Susan M. [ed.] **Interpreting Objects and Collections**. London: Routledge, 1994.
- PÉREZ, A. C. Normalización Documental de Museos: reflexiones y perspectivas. *Boletín del Instituto Andaluz de Patrimonio Histórico*, v. 34, p. 166-176, 2001.
- PINHEIRO, L. V. R. Confluências interdisciplinares entre Ciência da Informação e Museologia. *Museologia e Interdisciplinaridade*, v. 1, p. 1-25, 2012.
- \_\_\_\_\_. Em busca de um caminho interdisciplinar: proposta de um núcleo teórico e prático de disciplinas comuns aos cursos de biblioteconomia, museologia e arquivologia. Rio de Janeiro. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ENSINO DE ARQUIVOLOGIA, 1997. São Paulo.
- \_\_\_\_\_. Arte, objeto artístico, documento e informação em museus. In: SIMPÓSIO MUSEÓLOGO E ARTE. XVIII CONFERÊNCIA ANUAL DO ICOFOM E UNI-RIO, 1996.
- \_\_\_\_\_. **A Ciência da Informação entre luz e sombra: domínio epistemológico e campo interdisciplinar**. 1997. 266 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – UFRJ/Eco, Rio de Janeiro, 1997.
- \_\_\_\_\_. **Ciência da Informação: desdobramentos disciplinares, interdisciplinares, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade**. Disponível em: <<http://www.ufrj.br/ppgci/editais/lenavanialeituras.pdf>>. Acesso em: 30 maio 2011.
- \_\_\_\_\_. Gênese da Ciência da Informação ou sinais anunciadores da nova área. In: O CAMPO DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: gênese, conexões e especificidades. João Pessoa: UFPB, 2002. p. 61-86.
- POMIAN, Krzysztof. Coleção. In: ENCICLOPÉDIA EINAUDI. 1. Memória e História. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1984. p. 51-86.
- POULOT, Dominique. **Museu e museologia**. São Paulo: Autêntica, 2013. 160p.

- RAYWARD, W. Boyd. Electronic information and the functional integration of libraries, museums and archives. In: HIGGS, Edward (Ed.). **History and electronic artefacts**. Oxford: Clarendon Press, 1998. p. 207-226. Disponível em: <<https://www.ideals.illinois.edu/handle/2142/9474>>. Acesso em: 21 maio 2014.
- REIS, José Carlos. **A Escola dos Annales: a inovação na história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.
- RESENDE, P. H. M. **Fantasmagorias na metrópole: ensaios críticos a partir do Circuito Cultural Praça da Liberdade**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, 2013.
- REVISTA DO ARCHIVO PÚBLICO MINEIRO. Imprensa oficial de Minas Gerais. Belo Horizonte, v. 21, p. 5-12, jan./mar. 1927.
- RHOADS, James B. **La Funcion de la gestion de documentos y archivos en los sistemas nacionales de información: un estudio del Ramp**. Paris: UNESCO, 1989. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0008/000847/084735so.pdf>>. Acesso em: 12 jan. 2010.
- RODRIGUES, Ana M. L. A teoria dos arquivos e a gestão de documentos. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 11, p. 102-117, 2006.
- RONDINELLI, Rosely Curi. **O Conceito de documento arquivístico frente à realidade digital: uma revisitação necessária**. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2011, 270f.
- RUIZ, Francisco Fuster. Archivística, archivo, documento de archivo... Necesidad de clarificar los conceptos. **Anales de Documentación**, 2, p. 103-120, 1999.
- SANTOS, B. D. S. Um discurso sobre as ciências na transição para uma ciência pós-moderna. **Estudos Avançados**, v. 2, n. 2, ago. 1988. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40141988000200007&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141988000200007&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt)>.
- \_\_\_\_\_. **Um discurso sobre as ciências**. São Paulo: Cortez, 2003.
- SHELLENBERG, T. R. **Modern archives: principles and techniques**. Chicago: University of Chicago Press, 1956. 247 p.
- \_\_\_\_\_. **Arquivos modernos: princípios e técnicas**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 1973.
- SILVA, Armando B. M. **Arquivística, Biblioteconomia e Museologia - do empirismo patrimonialista ao paradigma emergente da Ciência da Informação**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de SP, 2002.
- \_\_\_\_\_. Informação e Comunicação: as duas faces de Jano. **Prisma.com**, n. 2, p. 3-32, 2006. Disponível em: <<http://revistas.ua.pt/index.php/prismacom/article/view/606>>.
- SILVA, Armando Malheiro *et al.* **Arquivística: teoria e prática de uma ciência da informação**. Porto: Afrontamento, 1999. 253 p.
- SILVA, M. R. **História, memória e poder**: Xavier da Veiga, O. 2006.
- SILVEIRA, Fabrício José Nascimento da. **Biblioteca pública, identidade e enraizamento: elaborações intersubjetivas ancoradas em torno da Luiz de Bessa**. 2014. 252f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.
- SMIT, J. W. Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia: o que agrega estas atividades profissionais e o que as separa? **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 1, p. 27-36, 2002.
- \_\_\_\_\_. Arquivologia/biblioteconomia: interfaces das ciências da informação. **Informação & Informação**, v. 8, p. 29, 2003.

SOUZA, Katia Isabelli Melo de. **Arquivista - visibilidade profissional: formação, associativismo e mercado de trabalho.** Brasília: Starprint, 2011.

TEES, M. Harmonization of education and Training for information professionals. **IFLA Journal**, v. 17, n. 3, p. 232-34, 1991.

\_\_\_\_\_. Harmonization of education and training programmes for library, information and archival; Personnel: a report of the Colloquium held in London, 9-15 August 1987. **IFLA Journal**, v. 14, n. 3, p. 243, 1988.

TRIOLA, Mario F. *et al.* **Introdução à estatística.** Rio de Janeiro: Ltc, 2005.

UNESCO. **Basic Facts and Figures: International Statistics Relating to Education, Culture, and Mass Communications.** Paris, 1959.

\_\_\_\_\_. **Basic Facts and Figures: International Statistics Relating to Education, Culture, and Mass Communications.** Paris, 1962.

\_\_\_\_\_. **Strong Foundations: Educations and Early Childhood.** Paris, 2006.

WELLISCH, H. H. Ebla : The World ' s Oldest Library. **Journal of Library History**, v. 3, May 2013, 1981. Disponível em: <<http://www.jstor.org/discover/10.2307/25541212?uid=2129&uid=2&uid=70&uid=4&sid=21104555910521>>.

WOOLLEY, L. **Ur "of the Chaldees": the final account, Excavations at Ur.** London: Herbert Press, 1982.

ZORICH, D.; WAIBEL, G.; ERWAY, R. **Beyond the silos of the LAMs: collaboration among libraries, archives and museums.** Ohio: OCLC Research, 2008. Disponível em: <[www.oclc.org/programs/publications/reports/2008-05.pdf](http://www.oclc.org/programs/publications/reports/2008-05.pdf)>.